
SENTIDOS E PROCESSOS EDUCATIVOS CONSOLIDADOS NA ORGANIZAÇÃO DE UMA FESTA POPULAR

Fabiana Rodrigues de Sousa - Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

RESUMO

Neste artigo são apresentados processos educativos consolidados na organização de uma festa popular desenvolvida por alunos de graduação que residem no alojamento estudantil da Universidade de São Paulo (Campus São Carlos/SP). Inicialmente, discorro sobre o conceito de prática social e, posteriormente, apresento como se deu minha aproximação aos moradores do alojamento e como foi se desenvolvendo a inserção na prática da organização da festa junina com intuito de investigar processos educativos. A festa junina do alojamento é um evento organizado, desde 1982, pelos alunos de graduação que residem na moradia estudantil e tem com objetivo repassar as histórias dos moradores e ex-moradores, bem como suas lutas traçadas a fim de garantir o direito à moradia estudantil gratuita. A festa é percebida como uma forma de pedagogia social, ou seja, ela carrega em si o potencial de reproduzir a ordem social vigente, bem como o de desvelar mundos novos e a resistência de grupos sociais. Por meio da organização da festa junina, os moradores do alojamento fortalecem sua participação e reivindicam a formulação de políticas (como moradia estudantil, bolsa alimentação, etc.) que possam garantir não apenas o acesso à universidade, mas também sua permanência.

PALAVRAS CHAVE

Práticas sociais; processos educativos; festa junina

SENSES AND EDUCATIONAL PROCESSES CONSOLIDATED IN THE ORGANIZATION OF A POPULAR FESTIVAL**ABSTRACT**

This article presents educational processes consolidated in the organization of a popular festival developed by undergraduate students residing in student housing at the University of São Paulo (Campus São Carlos / SP). Initially, I wonder about the concept of social practice and then present how was my approach to student housing and has been developing as insertion in the practice of organizing the June party with the intention of investigating educational processes. The June Festival is an event organized since 1982 by undergraduate students residing in student housing and is aiming to pass on the stories of residents and former residents, as well as their struggles traced in order to guarantee the right to student housing free. The June Festival is perceived as a form of social pedagogy, that is, it carries the potential to reproduce the existing social order, and the unveiling of new worlds and the resistance of social groups. Through the organization of the June Festival, the residents of the housing and can strengthen their claim to participation in policy formulation (such as student housing, food bag, etc.) that would ensure not only access to the university but also its permanence.

KEYWORDS

Social practices; educational processes; June Festival

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo são apresentados resultados de uma inserção proposta como atividade da disciplina Práticas Sociais e Processos Educativos do Programa de Pós-graduação em Educação/UFSCar. A atividade proposta na disciplina previa inserção em uma prática social a fim de investigar processos educativos nela consolidados, visando a possibilitar que os discentes pudessem compreender modos de educar-se ao longo da vida, seja em situações escolarizadas ou não, bem como buscar apreender a influência de processos educativos consolidados em ambientes extra-escolares na apropriação dos ensinamentos escolares.

As atividades desenvolvidas ao longo da referida disciplina foram constituindo uma *comunidade de trabalho*. Esta se configura como espaço de convivência coletiva que visa à formação de investigadores que compartilham objetivos comuns voltados à construção de uma sociedade mais justa para todas as pessoas (SILVA; ARAÚJO-OLIVEIRA, 2004). Formação é entendida aqui como processo, no qual os sujeitos se apropriam do mundo de que fazem parte, significando o mundo e a si próprios. Nessa perspectiva, a formação do ser humano, bem como do pesquisador, se dá na constante troca entre subjetividades, já que as referências e significações empregadas pelas pessoas na leitura de mundo e de si próprias são construídas e atribuídas nas relações sociais.

A formação do pesquisador é um desafio constante que exige disponibilidade, respeito e aceitação para compreender saberes, concepções e conhecimentos de pessoas que vivenciam distintas experiências de vida. Esse desafio tem como viés político o compromisso com a história e os destinos de nosso continente latino-americano, ou seja, exige uma reflexão por parte do pesquisador sobre as consequências de sua produção acadêmica que, em vez de perpetuar a opressão e a exclusão, deve contribuir para a libertação das pessoas.

Nesse contexto, optei por me inserir na prática da organização da festa junina do alojamento da Universidade de São Paulo (Campus São Carlos/SP). O alojamento é constituído por um conjunto de prédios localizados dentro do campus universitário que são destinados à moradia de estudantes com baixa renda. A garantia de moradia estudantil foi um direito conquistado por meio de manifestações dos próprios alunos que em diferentes momentos ocuparam prédios da universidade visando a dar visibilidade a sua reivindicação. O alojamento é gerenciado pelos

próprios moradores que por meio de assembleias definem critérios para selecionar os alunos ingressantes e para a permanência dos que já residem na moradia estudantil.

Na Antiguidade, as festas juninas eram organizadas pela população rural com intuito de espantar os espíritos maus que causavam a infertilidade nas plantações. Na Idade Média, sob influência do cristianismo a festa passa a ter Santo Antônio, São João e São Pedro como padroeiros. Os rituais envolvendo fogo (acender fogueira e soltar balões) simbolizavam a busca por afugentar demônios. Com o passar do tempo, as festividades juninas também são celebradas nas cidades urbanas e não apenas no meio rural, a festa passa a migrar para clubes e vai ganhando caráter lúdico em detrimento do religioso. Em meados da década de 1970, as festas juninas começam a ser introduzidas nas escolas paulistas e, cerca de dez anos depois, passam a fazer parte do calendário escolar. Além do aspecto da ludicidade, a arrecadação de recursos financeiros torna-se objetivo de diversas festas juninas organizadas nas escolas que visam a custear projetos escolares e a suplementar os poucos recursos repassados pelo Estado e pela prefeitura às escolas (CAMPOS, 2007).

A festa junina do alojamento é organizada pelos moradores desde o início da década de 80. Em 1982 foi realizada a primeira Festa Junina do Alojamento¹ cujo objetivo consiste em transmitir a memória do alojamento, ou seja, repassar as histórias dos moradores e ex-moradores, as lutas que foram estabelecidas para garantir o direito à moradia estudantil gratuita, as manifestações e ocupações realizadas com intuito de sensibilizar a prefeitura do campus para a necessidade de construção de novos prédios destinados à moradia de alunos. Procura-se reafirmar a importância da autogestão e assim repassar conhecimentos e valores que possam garantir sua efetivação, além de demonstrar para as demais pessoas da cidade quem são, como vivem e se organizam os moradores do alojamento da USP.

Neste artigo, em conformidade com as premissas de Ribeiro Junior (1981), a festa junina do Alojamento é percebida como uma forma de pedagogia social, ou seja, ela carrega em si o potencial de reproduzir a ordem social vigente, bem como o de desvelar mundos novos e a resistência de grupos sociais. Por meio da organização da festa junina do Alojamento, os moradores fortalecem sua participação e reivindicam a formulação de políticas (como moradia estudantil, bolsa alimentação, etc) que possam garantir não apenas o acesso à universidade, mas também sua permanência.

¹ Termo empregado pelos moradores para fazer referência ao alojamento da USP/São Carlos.

2. PRÁTICAS SOCIAIS COMO ESPAÇOS EDUCATIVOS

Práticas sociais se estendem em espaço e tempo elaborados por pessoas ou grupos que delas participam, sua duração depende das pessoas que delas tomam parte e dos objetivos que com elas se almeja atingir em certo momento histórico. Tais práticas decorrem de e geram interações entre pessoas e grupos com a finalidade de produzir bens, valores, modos de pensar, viver e manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas. Nas práticas sociais são desenvolvidos processos educativos que promovem a formação para a vida em sociedade. Na convivência, no interior de práticas sociais, o ser humano se constrói enquanto pessoa (OLIVEIRA e col., 2009).

Ao participarem de diferentes práticas sociais, as pessoas se apropriam de valores e comportamentos de seu tempo e lugar e lutam por sua existência. Em suas interações, as pessoas expõem seus modos de ser e perceber o mundo, elas desenvolvem e transmitem estratégias para solucionar os problemas que lhe desafiam em seu cotidiano. São distintos os objetivos das práticas sociais, dessa forma, elas podem tanto enraizar e manter vivas as tradições, valores e posturas de certo grupo, como podem desenraizar, negando a cultura de determinado povo. O tráfico de pessoas africanas para as Américas foi uma prática de desenraizamento, em contrapartida, a capoeira praticada por africanos, ao chegarem aqui no Brasil, pode ser entendida como uma prática que levava ao enraizamento, pois se configurou como uma manifestação de resistência à violência que essas pessoas eram submetidas.

Repassar conhecimentos, valores e posturas de vida; propor e executar transformações na estrutura social; buscar reconhecimento e valorização das culturas de grupos sociais marginalizados; corrigir distorções e injustiças sociais, estes são alguns dos objetivos que orientam distintas práticas sociais. Ao se relacionarem em práticas sociais, as pessoas podem agir para transformar uma realidade percebida como injusta e opressiva ou podem direcionar sua ação à manutenção de iniquidades sociais, visando a garantir privilégios a certos grupos ou pessoas (OLIVEIRA e col., 2009).

O destino dos seres humanos não é natural, mas sim político, isto é, depende do modo como os mesmos organizam - de forma mais ou menos livre - suas vidas, as relações com a natureza, as relações de trabalho, de convivência e de sobrevivência (GONÇALVES FILHO, 1988).

Por estar enraizado em condições tempo-espaciais, a tendência do ser humano é refletir sobre sua situacionalidade. Freire (1970, p.119) destaca que os seres humanos “são porque estão em situação. E serão tanto mais quanto não só pensem criticamente sobre sua forma de estar, mas criticamente atuem sobre a situação em que estão”. A reflexão sobre a condição da existência humana pode resultar no engajamento do ser humano, possibilitando que ele seja capaz de emergir da situação percebida para se inserir na realidade que vai se desvelando.

(...) inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como seres inconclusos, limitados, condicionados, históricos. Percebendo, sobretudo, também, que a pura percepção da inconclusão, da limitação, da possibilidade, não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando alcança a transformação da sociedade (FREIRE, 2008, p. 100).

Nesse sentido, o sonho não é visto como fuga da realidade, mas sim como motor que impulsiona o engajamento na busca pela transformação do mundo, uma possibilidade de recriá-lo. Enquanto continuar caminhando nos trilhos, sem ousar tentar recriar o mundo, o ser humano contribuirá com a perpetuação das iniquidades sociais. Sem o prazer do risco não há criação. Para criar uma sociedade mais justa para todos é preciso criar uma ética fundada no respeito e valorização às diferentes culturas, sem hierarquizar determinados grupos sociais em detrimento de outros. É preciso repensar as estruturas da sociedade e seu modo de funcionamento para não legitimar a tendência em culpar os indivíduos marginalizados por seus insucessos (FREIRE, 2008).

Nos relacionamentos estabelecidos entre si, os sujeitos desenvolvem conhecimentos, habilidades, atitudes e valores articulados aos interesses de diferentes classes e grupos sociais. Nas práticas sociais, por meio dos processos educativos que nelas se consolidam, promove-se a formação para a vida em sociedade. Ao conviver em práticas sociais o ser humano vai tomando conta de sua inconclusão e passa a se reconhecer como sujeito inacabado e em processo, um ser histórico que vive constantemente em busca de sua completude. Por meio de suas experiências, os seres humanos vão elaborando modos de viver, posturas, condutas, saberes e valores que são empregados como recursos para interpretar a realidade percebida.

3. O PROCESSO DE INSERÇÃO NA PRÁTICA DA ORGANIZAÇÃO DA FESTA JUNINA DO ALOJA

Em conversas com alguns moradores e ex-moradores do alojamento, apresentei a intenção em estudar processos educativos decorrentes de alguma prática social realizada pelos moradores do alojamento. Essas pessoas apontaram a festa junina como uma atividade que consegue agregar a participação de boa parte dos moradores, mesmo daqueles que não costumam se envolver em outras atividades do alojamento. Alguns moradores e ex-moradores comentaram a importância da festa junina para fortalecer a autogestão. Diferentemente do que ocorre nos demais campus da USP, em São Carlos, a gestão do alojamento é uma responsabilidade dos próprios moradores, dessa forma as decisões referentes ao alojamento são tomadas em assembléia com a participação dos moradores. Isso demanda um trabalho maior por parte das pessoas que ali residem, mas em contrapartida também se configura como garantia de autonomia na tomada de decisões, por isso a autogestão é percebida pelos moradores como um direito que deve ser preservado.

Dessa forma, por meio de conversas com os moradores e após retomar estudos das referências bibliográficas indicadas na disciplina, fui definindo a prática social a ser estudada: a organização da festa junina do Alojamento. Essa prática é decorrente da vivência no alojamento e tem como objetivo promover interações entre os moradores, os ex-moradores do alojamento, professores, alunos e funcionários da USP, bem como demais pessoas da cidade.

A organização da festa junina foi definida como uma prática social, pois é resultado de interações entre pessoas que ali convivem ao mesmo tempo em que gera novas interações entre as pessoas e o espaço em que vivem. As relações estabelecidas entre as pessoas se dão com intuito de repassar valores, posturas, tradições e conhecimentos que lhes auxiliam a suprir uma necessidade material, no caso, o direito à moradia gratuita, pois os estudantes que ali residem são oriundos de famílias de baixa renda. A festa pode ser entendida como uma busca do reconhecimento dessa necessidade por parte da sociedade e também como forma de garantir esse direito, os moradores procuram mostrar as pessoas da cidade que são capazes de se organizar para tomar decisões, para promover eventos e para se mobilizar na busca pela conquista e efetivação de seus direitos.

Na organização da festa junina as pessoas têm a possibilidade de expandir sua participação política, uma vez que pensam, refletem, discutem e executam ações tais como buscar patrocínios, calcular a quantidade de produtos que precisam ser comprados, dividir as tarefas, etc. Essa organização se faz por meio da realização de reuniões das quais participam os moradores, alguns

ex-moradores e os chamados amigos do alojamento, ou seja, pessoas que não residem no alojamento, mas convivem nesse espaço, pois são amigas de moradores. Essas reuniões são agendadas com antecedência e são divulgadas dentro do campus da USP, geralmente são realizadas em um dos blocos do alojamento. Os interessados devem comparecer às reuniões, onde são discutidas, deliberadas e encaminhadas decisões referentes à realização da festa.

A inserção nessa prática social se deu por meio de quatro encontros realizados com moradores do alojamento. No primeiro encontro, realizado na área de lazer do alojamento, após leitura da pauta da reunião eu apresentei às pessoas presentes a intenção de participar da organização da festa junina com intuito de estudar processos educativos consolidados nas relações entre as pessoas. Os moradores aceitaram minha participação e se dispuseram a colaborar no que fosse preciso. Também me coloquei à disposição para auxiliar na organização da festa junina. Assim se iniciou minha aproximação a essa prática social.

De acordo com Dussel (1996), aproximar-se não é chegar junto a algo com intuito de usá-lo, comprá-lo ou vendê-lo, mas sim encurtar a distância até algo ou alguém que pode tanto nos acolher como nos refutar. A proximidade é uma busca da origem da significação, pois o ser humano está inserido em uma cultura, em uma totalidade simbólica que o alimenta nos signos de sua história. Para compreender os significados de certo grupo social, é preciso aproximar-se dele, de sua visão de mundo. A inserção em campo se deu com intuito de buscar essa proximidade, ou seja, desenvolvendo uma relação face-a-face com os participantes dessa prática, sem ocultar delas a motivação que me levou a participar e sem deixar de considerar os motivos das pessoas que já estavam participando de tal prática antes de minha chegada.

No primeiro encontro conversamos sobre pedidos de patrocínio e doações para a festa. As pessoas falaram sobre o que conseguiram e o que ainda estava faltando. As tarefas pendentes foram apresentadas, os participantes interessados manifestaram interesse por encaminhá-las. A fim de colaborar efetivamente com a festa, fiquei responsável, juntamente com um morador, por confeccionar um painel com fotos e cartazes das festas anteriores para servir como divulgação do evento e também me responsabilizei pela venda de talões de rifa. No segundo encontro, continuamos a conversar sobre patrocínios, falamos sobre a compra de alguns materiais e foram distribuídos os cartazes da festa. Cada participante ficou responsável por colar os cartazes em um determinado local da cidade.

No terceiro encontro, eu e alguns moradores do alojamento confeccionamos o painel de divulgação da festa junina. Foi muito gratificante participar dessa atividade e ter a possibilidade de

ver as fotos de festas antigas e de pessoas que já moraram no alojamento, rever algumas pessoas conhecidas, conhecer pessoas citadas nas conversas de ex-moradores, notar cenas que são comumente retratadas na festa junina como o corte do bambu, a preparação dos alimentos no restaurante universitário e no alojamento, os pedágios para arrecadação de dinheiro. O quarto encontro também se mostrou distinto dos demais, pois nele se deu a realização da festa junina. Nesse encontro, as pessoas estavam bem atarefadas com os afazeres da festa. Procurei acompanhar a organização do casamento e me mostrei disposta a auxiliar no que fosse preciso. Nesse dia, auxiliei a colar painéis para exposição de fotos e a chamar as pessoas para o ensaio da quadrilha que todo ano é realizada durante a festa junina.

Além dos encontros no alojamento e das conversas com moradores e ex-moradores, verifiquei o arquivo do alojamento para observar fotos, cartazes antigos e exemplares do jornal “O Corredor” que é produzido por moradores do alojamento. A leitura desses jornais possibilitou a elucidação de alguns conceitos citados no discurso dos moradores tais como “autogestão” e “coletividade”.

4. OS SENTIDOS DA FESTA

A vida é uma sequência de situações – únicas, raras ou repetidas – e devido aos mais diversos motivos, eis que a cultura de que somos ator-parte interrompe essa sequência cotidiana e demarca os momentos de festejar. Algumas sociedades comemoram com mais ênfase certos acontecimentos e situações: a família urbana e a cidade comemoram os ritos de passagem, os aniversários, a primeira comunhão e crisma; já no campo, as pessoas se valem mais de cerimônias de reconhecimento de um nós local, como nas festas de santos padroeiros, batizados, casamentos e velórios (BRANDÃO, 1989).

A festa é uma *fala*, uma *memória* e uma *mensagem*. Por meio da festa somos convocados a dizer ritualmente o sentido da vida através de nós, festejados nos tornamos símbolo, somos enunciados com maior ênfase. No Brasil, existe “uma persistente vocação em investir o sentido das coisas no exagero do símbolo que só se realiza plenamente na festa” (BRANDÃO, 1989, p.16). A festa demarca o lugar simbólico daquilo que deve ser esquecido, o que permanecerá em silêncio e não-festejado, e ressalta o que deve ser posto em evidência de tempos em tempos, comemorado, celebrado.

A festa, quando soleniza a passagem e comemora a memória, demarca. A vida passa, passamos. Tudo muda, e tudo é o mesmo: mudamos, somos agora o que não éramos ainda, mas somos os mesmos, diversos: ao mesmo tempo um *outro* e *eu*. Envelheço, “vejo em mim o tempo do mundo passar”, e isso pesa. Mas eis que os símbolos dos sistemas de festas de que sou parte, ou alvo, aos poucos me ensinam a substituir a pura energia do desejo do prazer ou o temor de seu fim em mim pela serena vontade de conviver em paz comigo mesmo, entre todos, e possuir a compreensão de tudo (BRANDÃO, 1989, p.9).

Para o autor, a festa restabelece laços e reflete a habilidade do povo brasileiro de, ano após ano, inventar situações onde são postos em evidência “*o que somos e o que queremos*”. A festa não reflete apenas o que ser humano é e faz, mas também revela o que ele pode vir a ser, seu devir.

Nesse sentido, a festa pode ser compreendida como anúncio do novo, de outras possibilidades de relações entre as pessoas, ou seja, também pode ser percebida como forma de resistência. É o que aponta Ribeiro Junior (1981), em sua dissertação intitulada “A festa como lugar de resistência na cultura do povo.” Para o autor, a festa é caracterizada pelas dimensões lúdica e pedagógica. Ele afirma que há, neste evento, uma pedagogia não formalizada pela qual se transmite o núcleo central da cultura do povo. Ribeiro Junior (1981) alerta que a festa é uma forma de pedagogia social que pode servir para reproduzir a ordem social vigente como pode desvelar mundos novos, capazes de potencializar a resistência do povo. Tal resistência vai se efetivando, à medida que as pessoas aprendem a trabalhar as brechas produzidas pelas contradições do capitalismo. Os símbolos empregados durante a realização das festas servem como suporte para articulação de projetos e utopias coletivas. O autor comenta que “na ‘festa, escola do povo’, o símbolo é a lição, a solidariedade é a disciplina, o ritual é o exercício prático e o currículo é constituído pelas lutas mais gerais pela libertação” (RIBEIRO JUNIOR, 1981, p.58).

Já Ribeiro (1998) que elaborou pesquisa de doutorado sobre a festa da Uva de Caxias do Sul/RS, diz que em todos os grupos sociais é comum a utilização de festas e outras estratégias simbólicas com objetivo de auto-representação. De acordo com a autora, esses mecanismos podem ser utilizados pelos indivíduos tanto em relação ao grupo ao qual pertencem ou na tentativa de obter valorização de outros grupos sociais. Perceber a festa como estratégia simbólica de autorrepresentação implica em reconhecê-la como um tipo de linguagem, “cujos signos, sinais e símbolos permitem a elaboração de um texto particular para cada festa, pelo qual perpassa o conhecimento em forma de celebração (RIBEIRO, 1998, p.66).” A autora comenta a distinção entre

os conceitos de celebração e comemoração que, geralmente, são empregados como sinônimos. A comemoração pode ser entendida como uma festa relacionada a um evento determinado, particular e datado. Já a celebração caracteriza-se por exaltar, divulgar e dar a conhecer, por meio de ostentação festiva, o objeto da celebração seja ele uma personagem, um acontecimento histórico ou uma realização coletiva. Ribeiro (1998) afirma que em toda festa é possível que haja, simultaneamente, características de celebração e de comemoração. Ambas - comemoração e celebração - apresentam relação com o conhecimento, seja no sentido de construí-lo, perpetuá-lo na memória ou fruí-lo pública e coletivamente. A autora destaca que essa relação entre festa e conhecimento não parece se impor num primeiro momento, posto que é reforçado, até mesmo pelo senso comum, que o conhecimento é obtido longe de esferas prazerosas como a de uma festa.

A celebração da festa tem relações com o conhecimento, pois se configura como *um modo de conhecer* (o que é festejado) e como uma forma de *dar a conhecer* (mostrar o que se é). Ribeiro (1998) afirma que na fruição da festa, a comunidade mostra sua identidade por meio do que faz, tendo em vista que é no fazer que se revela o modo de ser das pessoas, bem como das instituições. A autora conclui que a celebração festiva, como a da festa da Uva, é uma síntese de várias formas de conhecimento apreendidas por fruição. Ela destaca, ainda, o aspecto instrumental que pode ter a festa no sentido de possibilitar a um grande número de pessoas o acesso a conhecimentos de múltiplas facetas (conhecimentos míticos, históricos, alegóricos, artísticos ou científicos e tecnológicos).

Neste trabalho, a festa junina do alojamento também é percebida como um espaço educativo, nela os moradores se dão a conhecer, mostram que são capazes de organizar e promover a festa e, por meio dela, reafirmam sua identidade e a autogestão. A organização da festa é pautada nos princípios de solidariedade e coletividade. Para Dussel (1996), a festa indica uma categoria metafísica da *proximidade* efetivada como alegria. A proximidade é a festa pautada na liberdade e não na exploração, é uma festa de seres livres e justos que almejam encurtar e não aumentar a distância entre as pessoas.

5. PROCESSOS EDUCATIVOS CONSOLIDADOS NA ORGANIZAÇÃO DA FESTA JUNINA DO ALOJA

A festa junina do Alojamento é uma situação, na qual os organizadores têm a oportunidade de mostrar *o que são* – moradores do alojamento – e *o que querem* – perpetuar a autogestão, viver em coletividade. O sujeito fortalece sua identidade ao se reconhecer como membro pertencente a uma comunidade de “*eus-outros*” que cruzam juntos “a viagem do peso da vida” (BRANDÃO, 1989).

Ao participarem da organização da festa junina, os moradores podem desenvolver esse reconhecimento de pertencer a uma comunidade formada por membros que juntos percorrem “a viagem do peso da vida”. A fala e as ações das pessoas que participam dessa prática social estimulam esse reconhecimento em diferentes momentos. No momento de pedir patrocínio, os moradores mais antigos orientam os mais novos a se apresentarem como moradores do alojamento e a divulgar o objetivo da festa. Na divisão das tarefas da festa, quando todos são chamados a colaborar, destaca-se a importância da coletividade, do viver juntos e gerenciar coletivamente o alojamento. Esse reconhecimento também pode se dar pela visualização de fotos guardadas no arquivo do alojamento, já que as fotos contêm o registro de cenas e um pouco da história das pessoas que viveram e vivem no alojamento. Nas conversas realizadas entre moradores e ex-moradores, no dia da festa junina, também se manifesta o reconhecimento desse caminhar juntos explicitado na troca de experiências. Os ex-moradores perguntavam como estava a vida no alojamento, se estavam sendo realizadas as festas, os jogos de king (jogo de cartas) e de caixote (jogo de futebol realizado no campinho do alojamento), por sua vez, os moradores perguntavam como estava a vida fora do alojamento, como estava a carreira profissional daqueles que já concluíram o curso e não residem mais no alojamento, por vezes, nem mesmo em São Carlos.

Por se tratar de uma prática elaborada por diversas pessoas, a organização da festa junina requer constante planejamento e negociação. Nos primeiros encontros de que participei, observei que a estrutura das reuniões era bem planejada: começava no horário com a divulgação de informes, depois passávamos para a pauta definida previamente e terminava com o encaminhamento de ações e o agendamento de nova reunião. Os participantes presentes se responsabilizam por elaborar um informativo para divulgar entre os moradores a pauta e o local do próximo encontro.

Aprender a planejar reuniões, a negociar, expor seus anseios e necessidades e saber como encaminhá-los são alguns exemplos de aprendizagens que podem resultar da participação nessa

prática social. As negociações que ocorrem nas reuniões são distintas tais como: incluir ou não a cor vermelha no cartaz da festa, aumentar ou não o preço do cachorro-quente, adicionar milho ou não ao cachorro-quente, fazer uma faixa de pano ou uma faixa adesivada para divulgar os patrocinadores, etc.

Notei que durante as reuniões os moradores fizeram uso de registros que estavam guardados no arquivo do alojamento. De acordo com informações coletadas no jornal “*O Corredor*” datado de abril de 1993, o arquivo pode contribuir com a união do alojamento ao mostrar a todos moradores as lutas e vitórias passadas, além de outras conquistas como a festa junina e a festa da primavera. No arquivo, encontram-se documentos como notas e registros de compra, as fotografias, os cartazes de divulgação das festas e notícias publicadas em jornais da cidade sobre o alojamento.

Ao organizar cada festa, os moradores se valem do registro do que foi comprado no ano anterior e a partir daí fazem uma estimativa para calcular o que será comprado no ano vigente. Dessa forma a importância do registro e o desenvolvimento de cálculo por estimativa também podem se configurar como aprendizagens possíveis resultantes da prática da organização da festa junina. O registro do que foi feito em festas anteriores permite uma comparação entre a experiência presente e as vivenciadas no passado de forma a evitar o desperdício.

A participação na organização da festa junina se configura como possibilidade de vivenciar uma experiência, de conhecer as experiências passadas e aprender com elas. Por existir essa comparação entre a experiência passada e a atual é comum os moradores mais recentes questionarem os moradores e ex-moradores para tirar suas dúvidas sobre atividades que foram realizadas em festas anteriores, as comidas, os participantes, etc.

A festa junina do Aloja surgiu com a pretensão de ser tradicional, desde início dos anos 80, os cartazes apresentavam a expressão “*tradicional festa junina do Aloja*”, essa associação à noção de tradição não implica em perceber a festa junina como mera repetição. Dussel (s/d) comenta que a noção de tradição quer negar a noção de passiva repetição, imitação, recordação. Para o autor, a tradição é re-criação, é um criar de novo, sem, no entanto, esquecer ou deixar de festejar a história já constituída.

Os moradores do alojamento re-criam a festa a cada ano, ao longo de minha participação nas reuniões, por meio de conversas e da observação de fotos e cartazes pude identificar algumas mudanças na organização da festa, tais como: a confecção das bandeirinhas era feita pelos moradores e, atualmente, é cortada na gráfica; o corte do bambu era um momento de diversão e

entretenimento dos moradores que iam todos juntos na boléia de um caminhão, atualmente, houve mudança nessa atividade, uma vez que o código de trânsito vigente proíbe a circulação de pessoas na carroceria de automóveis. Essas modificações são resultados de novos contextos que vão se configurando ao longo dos anos, o que gera outra relação com o tempo e, conseqüentemente, novas relações entre as pessoas.

Gonçalves Filho (1988) diz que os trabalhos de memória estimulam a atenção de um *olhar zeloso em direção ao passado*, este olhar traz imagens de um outro tempo que geram desequilíbrio na relação com o presente vivido, tais imagens são lapidadas e, dessa forma, ao confrontar a vida passada com a atual, os seres humanos refletem sobre sua situação e constroem novos significados. É o que ocorre na organização da festa junina do alojamento, os moradores se valem de experiências passadas, trazem as imagens de atividades que foram desenvolvidas nas festas anteriores, o registro do que foi comprado, dos alimentos que foram servidos e das pessoas que participaram. Essas imagens são debatidas nas conversas entre moradores e ex-moradores, são ressignificadas e por meio do diálogo e da negociação, que ocorrem nas reuniões, os participantes decidem o que vão continuar fazendo, que atividades deixarão de ser realizadas e as modificações que serão implementadas, sempre sem perder de vista o objetivo da festa.

Esse *olhar em direção ao passado* se alimenta da memória e traz à tona os diferentes sentidos: lembranças de imagens do passado, objetos, conversas, modos de fazer as coisas, brincadeiras de infância, etc. (GONÇALVES FILHO, 1988). O desenvolvimento desse tipo de olhar pode ser compreendido como um processo educativo consolidado na prática da festa junina. Apesar das mudanças que ocorreram na organização da festa, a função de repassar a história e a memória do alojamento se mantém presente. Com a promoção deste evento, os moradores pretendem reafirmar um estilo de vida pautado na solidariedade, na coletividade e na cooperação entre as pessoas. Viver em coletividade implica saber conviver com o diferente, lutar por objetivos comuns, destinar parte de seu tempo para o bem coletivo e não apenas para resolver as questões pessoais.

A organização da festa junina do Alojamento é uma prática de enraizamento, pois mantém vivos valores e tradições dos moradores do alojamento. A participação nessa prática permite que os moradores se apropriem de comportamentos, atitudes e valores que possibilitam a aprendizagem desse modo de viver em coletividade. Por meio da organização da festa junina os moradores podem aprender a planejar ações com base na negociação e no diálogo; a reorganizar as relações de trabalho de forma a desenvolver uma atividade em grupo pautada na cooperação e na solidariedade;

a conhecer as experiências do passado visando a refletir sobre a situação presente e traçar encaminhamentos futuros.

Ribeiro Junior (1981) emprega a metáfora de que a festa é *a escola do povo*, tal figura de linguagem reflete a face educativa que permeia essa atividade. Ao participar da prática da organização da festa junina do Alojamento, percebi o potencial educativo que essa atividade tem, a festa pode ser empregada como uma estratégia para reafirmar valores, posturas e costumes a um grande número de pessoas.

A escola é a instituição que, historicamente, tem pretendido transmitir conhecimentos, valores e posturas a um grande número de pessoas. No entanto, essa transmissão não é pautada na cooperação e na solidariedade, mas sim na competição que é estimulada por meio de dizeres como: “quem sabe mais tira a melhor nota”, “quem tira a melhor nota conquistará os melhores empregos”. Essa competição, em vez de favorecer a aprendizagem pode se caracterizar como obstáculo. Na festa junina do alojamento, as pessoas aprendem na fruição, na alegria, no divertimento, dessa forma, torna-se possível o reconhecimento enquanto membro de um grupo social. Nas instituições escolares, muitas vezes, esse reconhecimento é inviabilizado, pois nem sempre a história do educando é levada em consideração. À medida que o educando percebe que seu modo de viver e seus costumes são desvalorizados e depreciados, ele perde o interesse pela escola, pois se sente desenraizado.

Viver em coletividade, exercitar o diálogo e a negociação são algumas aprendizagens que poderiam ser potencializadas nas escolas por meio da organização de festas. Os educandos devem vivenciar experiências que possibilitem a apropriação dessas posturas e valores, pois essas aprendizagens não se dão por meio da audição, mas somente por meio da experiência. Em muitas instituições de ensino, são promovidos eventos festivos dos quais os alunos participam, no entanto, a participação dos alunos se limita à execução de atividades previamente planejadas pela equipe administrativo-pedagógica (composta por professores e direção da escola). Dessa forma, os alunos não têm a oportunidade de exercitar ações de planejamento, não aprendem a estruturar uma reunião, a selecionar uma pauta, a encaminhar ações pendentes, a negociar ações prioritárias, não têm oportunidade de dialogar e de criar estratégias para solucionar as dificuldades, pois a esfera de decisão não lhes compete.

As reflexões, ora, apresentadas foram traçadas com intuito de contribuir para o desvelamento de sentidos atribuídos a eventos festivos e seus reflexos na aprendizagem e na

organização de grupos sociais. Vimos que a organização da festa junina do Alojamento assume tanto dimensões lúdicas (de fruição do lazer, da sociabilidade, da mostra) como dimensões políticas (organização social, cooperação e reivindicação de direito à moradia). A oportunidade de confrontar a situação presencial com experiências vivenciadas no passado pode favorecer a organização dos estudantes do alojamento, fortalecendo sua participação social, bem como a reivindicação por direitos como moradia estudantil e outras políticas educativas que visem a garantir não apenas o ingresso de pessoas de baixa renda na universidade, mas que formulem também estratégias para efetivar sua permanência.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas : Papirus, 1989.

CAMPOS, Judas Tadeu. Festas juninas nas escolas: lições de preconceito. **Educação & Sociedade**, vol.28, n.99, Campinas, 2007, p. 589-606.

DUSSEL, Enrique D. De la Fenomenología a la Liberación. In: **Filosofia de la Liberación**. Bogotá: Nova América, 1996.

_____. A pedagógica latino-americana (a Antropológica II). In: **Para uma ética da libertação latino-americana III: erótica e pedagógica**. São Paulo:Loyola, Piracicaba : UNIMEP (s/d).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto (org). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

OLIVEIRA, Maria Waldenez de; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; GARCIA-MONTRONE, Aida Victoria; JOLY, Ilza Zenker. **Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais**. Anais da 32ª. Reunião da ANPED, GT Educação Popular. (CD – ROM), 2009.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **A festa como produção de conhecimento e de identidade coletiva**. 1998. 329 p. Doutorado (Metodologia de Ensino), CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar, São Carlos.

RIBEIRO JUNIOR, Jorge Claudio Noel. **A festa como lugar de resistência na cultura do povo**. 1981. 168 p. Mestrado, USP, São Paulo.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; ARAÚJO-OLIVEIRA, Sonia Stella (2004). **Cidadania, ética e diversidade:** desafios para a formação em pesquisa. Apresentado no VI Encuentro – Corredor de las ideas Del Cono Sur “Sociedad civil, democracia e integración”. Montevideo, 12 de marzo, 2004.

FABIANA RODRIGUES DE SOUSA

Mestre em Educação (PPGE/UFSCar). Doutoranda em Educação (PPGE/UFSCar).
Professora de Alfabetização de Jovens e Adultos (PMSC). Membro do Grupo de Pesquisa Práticas
Sociais e Processos Educativos (UFSCar)
E-mail: fabianalhp@yahoo.com.br